

www.saoluis.org/revistapilotis

pilotis

revista

por aqui A Zona
como é que é? Por trás da fantasia
paulicéia Jorge e Raimundo
companheiros e companheiras Ativismo Jovem
infantil A Turma da Mônica
saindo do muro A Cola

número zero

Revista Pilotis - ano 1 - nº 0 - dezembro de 2004
Produção interna dos alunos e educadores
do Colégio São Luís



ATIVISMO

UNIÃO

CULTURA

JUVENTUDE

JOVEM

WWW

EXPRESSION

CONSCIENTIA

LIBERDADE

Na década de 1960, a cultura e a política alteraram profundamente as relações sociais. Uma geração que percebeu que eram necessárias mudanças. E agora, o que nós, seus filhos, estamos fazendo?

(n e s t a e d i ç ã o)

- por aqui (3) Trote é igual a Zona?
como é que é? (4) Por trás da Fantasia
paulicéia (5) Jorge Scottch & Raimundo dos Santos
companheiros e companheiras (6) Ativismo Jovem
infantil (8) Nosso Mundinho
saindo do muro (10) A Cola

e d i t o r i a l

por João Ortiz e Diogo Bardal

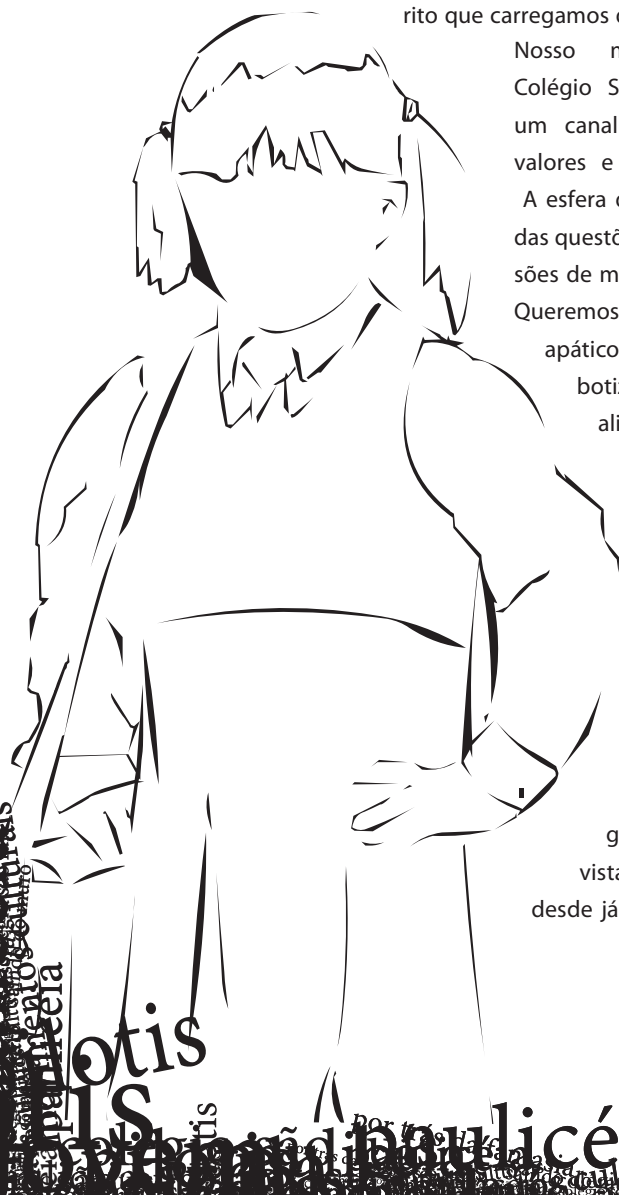
Ouve-se muito sobre mídia e a sua influência na sociedade. Nosso desejo era de, no mínimo, palpar a dimensão dessa

influência, entendendo o processo de criação de uma revista. E, orgulhosamente, talvez seja o caso de dizer que, no final desse processo, tínhamos aprendido mais que isso. O jornalista deve carregar consigo o respeito ao leitor e o constante contato com a realidade. Não deve perder o seu senso crítico tampouco o gosto pelo saber científico. Esse é o espírito que carregamos durante a elaboração desta revista, e pretendemos sempre honrá-lo.

Nosso material é fruto da iniciativa dos alunos do Colégio São Luís junto ao Grêmio Estudantil, para a criação de um canal em que possamos nos expressar e transmitir nossos valores e ideais, conscientes das implicações éticas dessa opção.

A esfera do Colégio é muito rica. Procuraremos nunca nos distanciar das questões cotidianas, mas de sempre relacioná-las a tantas outras visões de mundo existentes fora do Colégio. Nosso objetivo é atingi-las. Queremos inovar, queremos nos mostrar em um mundo apático e sem sal que, às vezes, perde o seu brilho nas atitudes robotizadas, estatísticas, impessoais. Não falamos a uma juventude alienada, termo que a mídia incorporou à nossa geração.

Falamos àqueles curiosos por saber o que andam sussurrando nos versos e trovas, no breu das tocas; àqueles certos da necessidade de abrir caminho na construção de um mundo mais humano e mais justo para as próximas gerações. A matéria de capa desta edição foi escolhida por traduzir justamente essa consciência, e mostra que, apesar do julgamento equivocado de muitas pessoas, os jovens ainda sonham e se mobilizam por todo o mundo. Esperamos não só estabelecer um diálogo consistente e produtivo com o leitor, como também trocar idéias e sugestões, com o intuito de prolongar a existência desta revista e amadurecê-la o quanto for necessário. Agradecemos, desde já, aos leitores desta edição pela confiança em nossa equipe.



o novo **jovem**

O trote é uma brincadeira que tem como objetivo marcar a entrada do aluno na faculdade. Aqui no São Luís, como rito de passagem, temos a Zona.

trote é igual a Zona ?

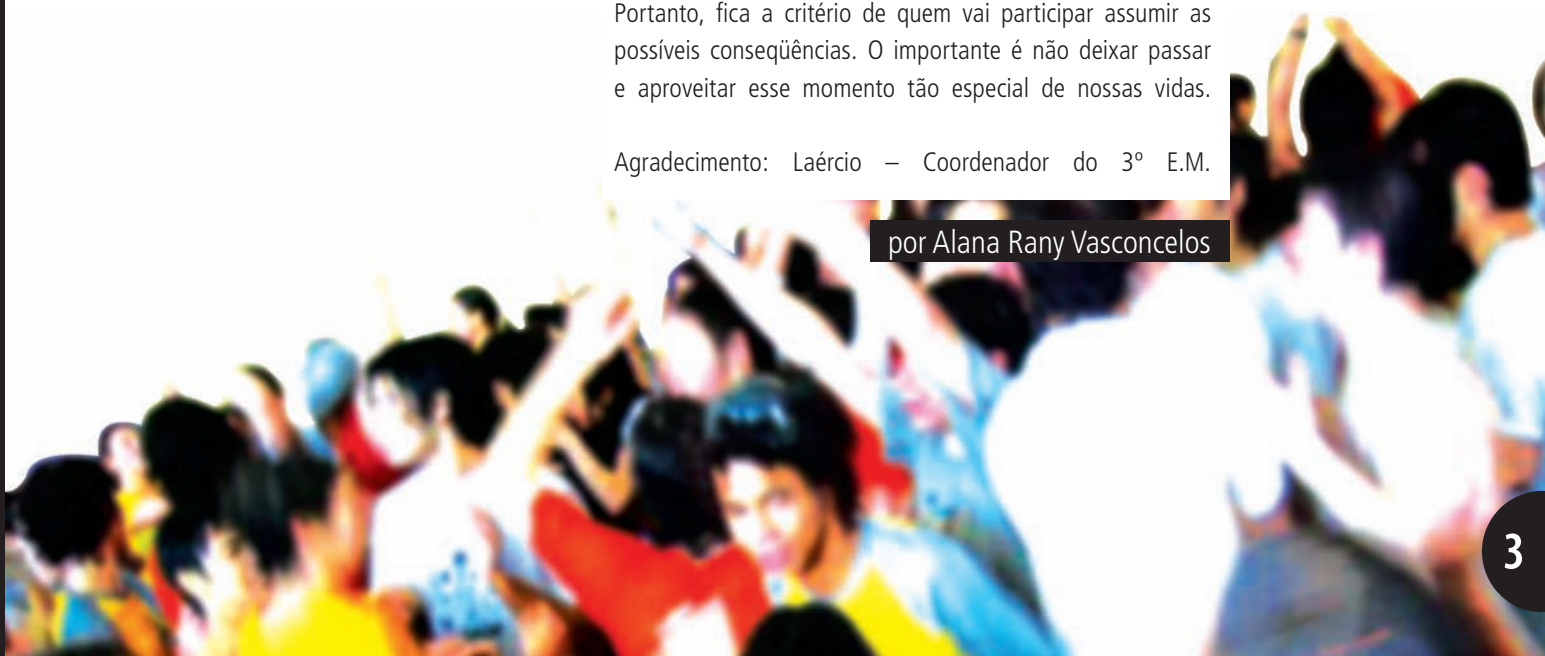
O trote é, sem sombra de dúvida, um assunto muito conhecido por todos nós; em especial pelos jovens. O trote é uma celebração. Nada mais do que um rito de passagem importante para muitos, porque representa a transição da fase adolescente para a fase adulta. Porém, dependendo de sua natureza, pode vir a ser questionado. Será que vale a pena arriscar-se por esse momento único? Tal questionamento ocorre quando há violência na brincadeira. Pintam-se os rostos, cortam-se os cabelos, fecham-se as ruas, mas muitos jovens adquirem perspectivas erradas sobre o rito, e quando percebem que pode não ser uma boa idéia fazê-lo, é tarde demais, pois nem sempre é possível voltar atrás. Existem casos de mortes, como o de Edison Tsung Chi Hsueh, que faleceu por afogamento na piscina da Associação Atlética Oswaldo Cruz, no dia 22 de fevereiro de 1999. Por outro lado, seria totalmente injusto não mencionar aquele trote que é um exemplo de cidadania. O Trote Solidário valoriza o voluntariado, para que marque o estudante em seus primeiros passos como adulto responsável, consciente e profissional. Criou-se até um prêmio: o Prêmio Trote da Cidadania, que visa o incentivo desse trabalho, avaliando os benefícios à comunidade, a criatividade no desenvolvimento de atividades e o planejamento. No São Luís, a Zona mantém as principais características do trote, como a integração. No entanto, representa o rito da despedida do Colégio. A Zona já passou por várias modificações, aperfeiçoando-se e garantindo, sempre na medida do possível, a segurança dos alunos. Apesar de toda a preocupação, alguns acidentes já aconteceram, provocando a desaprovação de alguns pais. Sabemos que a Zona é uma brincadeira e um desejo muito forte dos alunos, justamente porque conseguem conciliar o clima alegre e acolhedor do Colégio com uma despedida emocionante e devidamente festejada pelos alunos do terceiro ano. Portanto, fica a critério de quem vai participar assumir as possíveis conseqüências. O importante é não deixar passar e aproveitar esse momento tão especial de nossas vidas.

Agradecimento: Laércio – Coordenador do 3º E.M.

por Alana Rany Vasconcelos



foto: Renato Santos



(como é que é?)

por trás da fantasia

A Ação dos contos de fadas no inconsciente da criança.

Era uma vez, num reino muito distante... por volta de II a.C., surgiram os primeiros contos de fadas, de origem céltica. Esses contos foram passando até ganharem mais força no século XVII. Eram destinados à população adulta por muitas vezes terem assuntos impróprios, mas, ao mesmo tempo, tinham um conteúdo mágico e sobrenatural que foi perdendo a popularidade entre os adultos. E assim esses contos foram, aos poucos, ganhando o interesse das crianças, contados a elas com uma linguagem diferente da original. Os contos de fadas, além de divertirem os pequenos, têm um poder psicanalítico, propondo soluções aos conflitos interiores dos seres humanos de uma maneira acessível às crianças. Por volta dos quatro anos, as crianças começam a descobrir mais sobre o mundo e a questionar algumas situações de sua vida. A figura materna é vista com ternura e cercada de atributos positivos. Entretanto, algumas vezes a criança é contrariada em suas vontades exatamente por essa

pessoa. Instaure-se, assim, o dilema infantil: como sentir raiva de alguém tão amado sem ferir-lhe os sentimentos e perdê-la? Nisso, os contos de fadas as auxiliam ao dividir a figura materna em duas partes: a fada, lado positivo, e a bruxa, lado negativo. A bruxa concentra em si a maldade e pode ser odiada e castigada pela criança. A partir dos cinco anos, a criança percebe que fazer algumas coisas sem a presença dos pais pode ser mais gratificante. Podemos dar como exemplo o conto de “João e Maria”, quando seus pais os deixam no meio da floresta por falta de opção. Foi só assim que os dois conseguiram enfrentar a bruxa, que representa todos os seus medos.

Outro aspecto, no âmbito familiar, é sobre como as crianças enxergam seus familiares: a cisão entre o bem e o mal também acontece com outros parentes. Em *Chapeuzinho Vermelho*, a vovó muda de uma velhinha simpática e graciosa para um lobo faminto e aterrorizante. Há outros ensinamentos importantes, não só da parte familiar, como no caso de *Os Três Porquinhos*, que passa para as crianças

que não devem ser preguiçosas, que devem planejar bem suas atividades, e assim poderão vencer seus piores inimigos, como o lobo. Também há ensinamentos na história de *Chapeuzinho Vermelho*, que resolve seguir o conselho do lobo e não o de sua mãe, e perde tempo colhendo flores pelo caminho, sugerindo a obediência aos pais. Esse trecho ainda mostra a dificuldade das crianças ao serem confrontadas com a escolha de viver pelo prazer ou suas responsabilidades. Cada detalhe colocado nos contos de fadas tem uma finalidade dentro da mente das crianças, tornando muito importante não se modificar essa lógica. “Livrinhos adaptados de histórias infantis, no geral, falam que quem vence é a mais bela e que ela se casa com o príncipe mais rico.

Esses livrinhos passam valores invertidos; a pessoa não vence mais por sua habilidade, mas por sua beleza e riqueza”, adverte Ângela Leite, pedagoga do Colégio Heitor Garcia. Por isso, os pais devem tomar cuidado com as adaptações dos contos de fadas, para que sua mágica não se perca no caminho.

por Jussane Pavan e Roberta Figueira

a literatura da criança

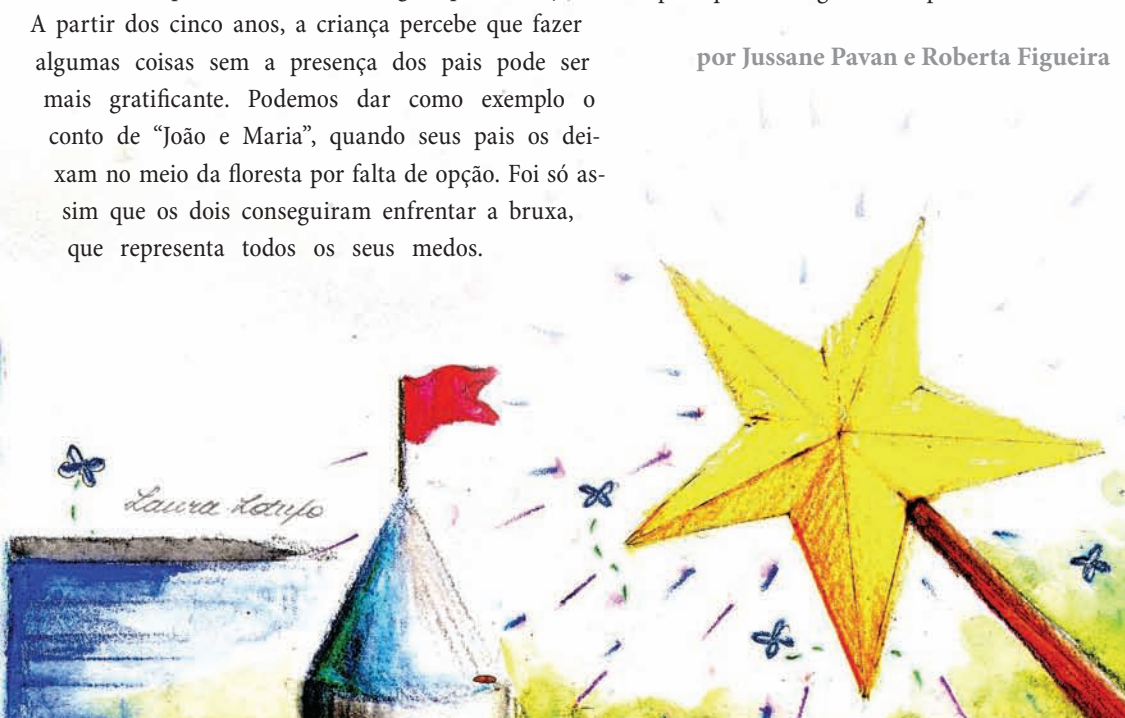
1 a 2 anos: nessa idade, a criança prende-se ao movimento, ao tom de voz e muito pouco ao conteúdo. Use fantoches para contar histórias.

2 a 3 anos: as histórias devem ser contadas com ritmo e entonação. Prefira os livros que possuem muitos animais e seres das florestas.

3 a 4 anos: histórias relacionadas ao cotidiano da criança. Os melhores livros são *Os Três Porquinhos* e *O Patinho Feio*.

4 a 6 anos: histórias também do cotidiano; livros com muitas gravuras. Os melhores livros são *Chapeuzinho Vermelho*, *Pedro e o lobo* e *João e Maria*,

6 a 7 anos: os melhores livros são, *A Branca de Neve e os sete anões*, *A Bela Adormecida*, *João e o pé de Feijão*, *O Gato de Botas* e *Pinóquio*.



Avenida Paulista,

mais especificamente no Parque Trianon,

prédios,
correria,
barulho,
caras amarradas e
passos apressados,

diversidade de pessoas e histórias que se cruzam,
dando vida a uma grande metrópole.

Nessa salada de vidas encontramos parte do que dá tempero às frias toneladas de concreto, as diferenças, caricaturadas em duas pessoas.

PAULICÉIA

por Manuela Hisae e Rodrigo Dornelles



Jorge Scottch, 40 anos

de família alemã e portuguesa, nasceu em São Paulo

Opinião, ocupação, história: Já estudou fora do país, em colégio alemão, onde o que se destaca, segunda sua opinião, é a rigidez. Além do português, fala inglês e alemão fluentemente. É psicólogo e trabalha no Hospital São Paulo. Acredita que a Paulista caminha cada vez mais para uma Nova Iorque, apesar do povo ser muito diferente: "Aqui somos muito mais calorosos, temos muitos feriados". Atualmente está solteiro, não tem filhos e está se dedicando, inteiramente, ao seu trabalho. Gosta de ir ao parque Trianon pois é uma forma de relaxar e pensar na vida.



Raimundo dos Santos, 35 anos

Maranhão, nordeste do Brasil

Opinião, ocupação, história: Saiu jovem do Maranhão em busca de uma vida melhor, sozinho, "com a cara e a coragem". Concluiu o primeiro grau e largou a escola, gosta do que faz: é zelador de um prédio. Se sente representado pela figura de Enéas, e será nele que pretende votar. "Meu nome é Raimundo!". Tem no parque Trianon e na avenida Paulista dois grandes ícones da capital bandeirante.

(companheiros e companheiras)

ATIVISMO JOVEM

Na década de 1960, a cultura e a política alteraram profundamente as relações sociais. Uma geração que percebeu que eram necessárias mudanças. E agora, o que nós, os seus filhos, estamos fazendo? 1968 — Um número forte. Para quem viveu, viu, leu no Brasil ou fora dele. Foi um ano decisivo, explosivo e, mesmo passado 36 anos, não há como esquecer. A juventude tomava para si as rédeas da sociedade, buscava alternativas, um estouro mundial. Mas, em 14 de dezembro, entrava em vigor, no Brasil, o Ato Institucional número 5 (AI-5) que, entre outras coisas, suspendia os direitos políticos, proibia atividades ou manifestações de natureza política. O AI-5 foi uma mordada na boca dos estudantes, nas produções culturais e nos jornais. A censura era cruel, toda a efervescência cultural que vinha dos anos 60, a chamada contracultura, foi freada bruscamente e só retomada, em pequena parte, nos anos 80, quando o regime começava sua abertura. Mas mesmo a censura foi incapaz de impedir o PC (Partido Comunista) e suas dissidências mantiveram-se ativas, mesmo ilegalmente. Apesar das torturas, assassinatos e exílios de seus membros, a resistência permanecia.

Um secundarista carioca, Edson Luís, foi morto em uma operação policial de repressão a um protesto diante do restaurante universitário “Calabouço”. O cortejo fúnebre foi acompanhado por 50 mil pessoas. Dois meses depois, 100 mil jovens foram às ruas do Rio de Janeiro para protestar contra a ditadura. Em um congresso clandestino da UNE, 920 estudantes foram presos, e, naquele ano, 12 morreram. As relações humanas, a política, o consumo, a moda, tudo foi questionado, tudo foi provocado, uma fervura incrível. Anos de luta, resistência, quando se trocava a vida por uma idéia, de uma geração pronta para mudar o mundo de hoje. E o que restou disso tudo? Por que essa sensação de abandono político das juventudes atuais? Ostentamos mudaram, a China trocou a revolução cultural pela abertura do mercado, o muro de Berlim caiu, a URSS (União Soviética) virou Rússia e não é mais socialista, vivemos em um país democrático, em um mundo democrático, a mídia deixou de ser dominada e passou a dominar. Outra geração, outro mundo e outro ativismo. Houve um esvaziamento do movimento estudantil, uma descentralização na luta política. Não há mais um sistema ou um governo a ser destruído, a militância partidária perdeu a força entre a juventude, a guerrilha tornou-se ultrapassada. Existem jovens alienados, como sempre existiram, mas ainda existem aqueles idealistas, sonhos de um mundo melhor, construídos e destruídos diariamente. A luta apenas mudou de plano.

A luta partidária e polarizada deu lugar a uma maior união entre as diversas ideologias, diversos “istas” e “ismos” juntam-se nas atuais organizações. A guerrilha é uma tática antiquada, apenas justificável por governos ainda mais antiquados, que foi substituída pela luta “midiática”. É cada vez maior a tendência das novas “gerações politizadas” de serem voltadas para o lado social. De acordo com Walter de Tarso de Campos, pesquisador FIPE, e Antonio Bara Bresolin, graduando em Economia FEA/USP, entre 1997 e 1999 o número de voluntários no Brasil teve um aumento de 73,3%. As estatísticas não são tão altas se comparadas às dos países europeus, e não há como garantir que o crescimento continuará. Por outro lado, elas indicam que há uma busca para solucionar os problemas imediatos da sociedade, uma idéia de que não há como deixar a miséria crescer, esperando a destruição do sistema. É necessário fazer algo. O dia 1º de janeiro de 1994, o mesmo do começo do levente Zapatista e do início do NAFTA, é considerado o marco inicial do movimento antiglobalização, que

PRINCIPAIS ORGANIZAÇÕES DO MOVIMENTO ANTIGLOBALIZAÇÃO

CMI: Centro de Mídia Independente, uma rede de produtores e produtoras independentes de mídia que busca oferecer ao público informações alternativas e críticas de qualidade, que contribuam para a construção de uma sociedade livre, igualitária e que respeite o meio ambiente. A publicação é livre e tem uma área destinada ao calendário dos chamados dias de ação global e local. Há canais coletivos espalhados pelo Brasil, inclusive em SP. <http://www.midiaindependente.org>

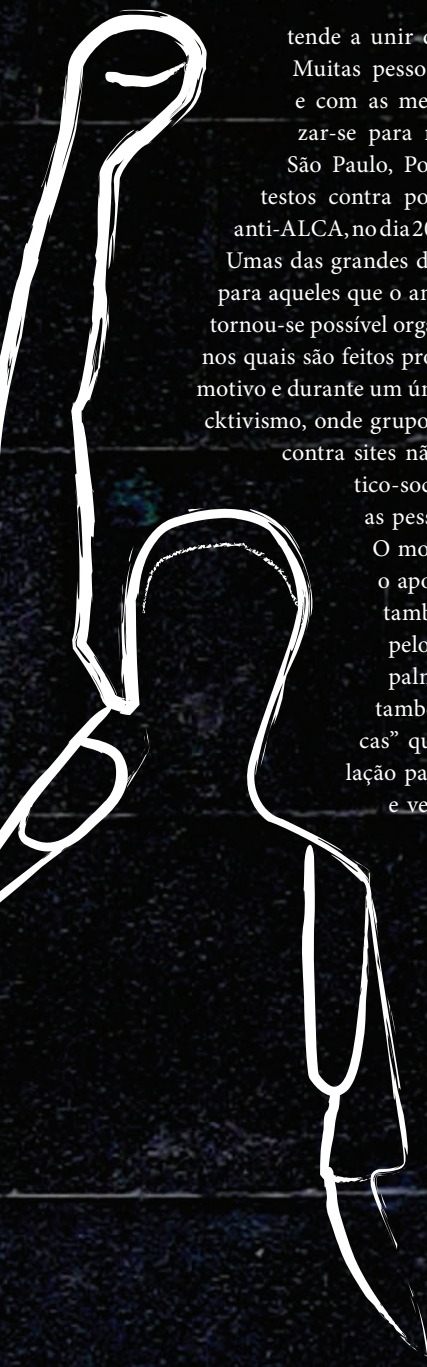
Attac: Ação pela Tributação das Transações Financeiras em Apoio aos Cidadãos — o movimento busca não só alternativas ao capitalismo globaliza-

do, mas também expressar, na sua sonoridade, a retomada da combatividade das lutas sociais. Tem núcleos no Brasil. <http://www.attacpoa.org>

AGP: Ação Global dos Povos — organiza os dias de ação global por diversos países do mundo, inclusive no Brasil.

Organização Oficial dos Confeiteiros Sem Fronteiras: organização que atrai tortas como forma de protesto, com alvos que vão de políticos a empresários. Tem membros espalhados pelo Brasil e aqui já efetuaram muitos ataques, inclusive ao presidente do PT, José Genuíno.





tende a unir diversas lutas nos mais variados contextos. Muitas pessoas estão insatisfeitas com o atual sistema e com as medidas neoliberais, e começaram a organizar-se para mostrar isso ao mundo. Seattle, Quebec, São Paulo, Porto Alegre, todos já foram palco de protestos contra políticas neoliberais. No Brasil, o protesto anti-ALCA, no dia 20 de abril de 2001, levou 5 mil pessoas às ruas. Uma das grandes diferenças do movimento antiglobalização para aqueles que o antecederam, é o uso da internet. Com ela, tornou-se possível organizar os chamados “dias de ação global”, nos quais são feitos protestos por todo o mundo, por um único motivo e durante um único dia. Também na internet surge o Hacktivismo, onde grupos hackers se organizam e fazem ataques contra sites não pela diversão mas por questões político-sociais. Os alvos vão desde as empresas e as pessoas até governos e blocos econômicos. O movimento antiglobalização busca não só o apoio social aos países mais pobres como também a união dos diversos movimentos pelo mundo (usando como palco principalmente o Fórum Social Mundial). Busca também ser ouvido: são as ações “midiáticas” que buscam atrair a atenção da população para os danos das políticas neoliberais e veicular notícias que muitas vezes são ignoradas pelos meios de comunicação. Seja “pichando” sites, divulgando notícias em protestos, shows, livros ou palestras. O movimento antiglobalização, como todos os “movimentos políticos” que o antecederam, tem apoio e raízes no meio cultural. Na geração de 68 havia a Tropicália, a poesia concreta, o Cinema Novo, a contracultura, uma explosão mundial que gritou hinos como “faça amor, não faça a guerra” ou “é proibido proibir”. Figuras como Chico Buarque, Caetano Veloso, Geraldo Vandré, Glauber Rocha, João Antônio, Antônio Callado, José Agrippino

de Paula e tanto outros. Era uma agitação muito grande. Hoje em dia não é diferente. No cinema, Michael Moore e o chamado novo cinema politizado, feito por muitos da antiga geração de 68 para as novas gerações. Na literatura, escritores como John Holloway (Como Mudar o Mundo Sem Tomar o Poder), e na música bandas como **O Rappa**, que demonstra uma postura político-social da geração, **Manu Chao**, membro da Attac (vide box) e figura certa em todos os FSM (Fórum Social Mundial) e o **Rage Against the Machine**, banda que sempre se opôs ao neoliberalismo, dando força ao movimento anti-globalização internacionalmente. A efervescência não é a mesma de 68, e é sempre difícil analisar as gerações, passadas ou presentes, pois não há uma juventude, e sim juventudes. Mas algo está começando, e isso é um fato. Algo não independente de 68, uma continuação de filhos, alunos ou estudantes da “juventude de 68”. Zuenir Ventura afirma que “a garotada está indo buscar em 1968 um pouco de 1998”.

Não há como negar que é o começo de algo grande, e a maior prova disso é a organização do Fórum Social Mundial, reunindo ativistas de todo o mundo. Não há como desprezar a organização mundial que conseguiu até impedir que reuniões das mais importantes do mundo acontecessem. Não há como ignorar o aumento da consciência social. São outras pessoas, outro momento, outros inimigos e outra geração, mas a idéia de transformar o mundo em um lugar mais humano, onde todos tenham dignidade para viver é sempre a mesma.

1966 – 25 de julho, Recife – Brasil.

Começa o terrorismo de esquerda no Brasil.

1968 – 10 de maio, Paris – França.

Estudantes saem às ruas na “noite das Barricadas”.

1968 – 26 de junho. A passeata dos 100 mil.

1968 – 28 de março, Rio de Janeiro – Brasil.

Um secundarista carioca, chamado Edson Luís, foi morto em uma operação policial de repressão a um protesto diante do restaurante universitário “Calabouço”.

1983 – 27 de novembro, São Paulo – Brasil.

Comício de 10 mil pessoas dá início à campanha das diretas.

1984 – 25 de janeiro, São Paulo – Brasil.

No aniversário da cidade, 300 mil pessoas vão a Sé em busca das Diretas Já.

1984 – 16 de abril, São Paulo – Brasil.

1,5 milhão de pessoas vão ao Vale do Anhangabaú pelas Diretas no maior evento político da história.

1994 – 1º de janeiro, Chiapas – México.

Começa o levante zapatista (nascimento do movimento Antiglobalização).

1997 – Nascimento do hacktivismo: o grupo cDc (Cult of Dead Cow) anuncia que começaria a trabalhar contra a opressão na China.

2001 – 20 de abril, São Paulo – Brasil.

Protesto contra a ALCA, com cerca de 5 mil pessoas na av. Paulista, acaba em confusão e prisões. É inaugurado o A20 (denominação dada pelos manifestantes) da luta contra o Capitalismo e a ALCA (Área de livre comércio entre as Américas).

2001 – 25 de janeiro, Porto Alegre – Brasil.

Inauguração do I Fórum Social Mundial, 2 mil inscrições no Acampamento da Juventude.

2002 – 31 de janeiro, Porto Alegre – Brasil.

II Fórum Social.

2003 – 19 de janeiro, Porto Alegre – Brasil.

Inauguração do III Fórum Social Mundial, 35 mil ouvintes cadastrados pelo comitê gaúcho. 25 mil inscrições no Acampamento da Juventude.

2004 – 16 de janeiro, Mumbai – Índia.

Inauguração do IV Fórum Social Mundial, 2.723 inscrições no Acampamento Intercontinental da Juventude.

A Turma da Mônica



A Turma da Mônica nasceu em 1959, criada por Maurício de Sousa, sendo os seus primeiros personagens Bidu e Franjinha. Em 1960, Maurício de Sousa criou uns de seus mais famosos personagens, Cebolinha e Cascão - inspirados nos amigos do seu irmão. Dessa forma, a Turma já contava com quatro personagens que iriam fazer muito sucesso.

Ainda no início da década de 1960, Maurício criou os personagens de Chico Bento e Piteco, baseando-se nas histórias contadas por sua avó Dona Benedita. Foi somente no ano de 1963, que Maurício de Sousa criou as primeiras personagens femininas para entrar em suas histórias: Mônica, Magali e Maria Cebolinha, que foram baseadas nas filhas do escritor. Sem dúvida, não demorou muito para que a personagem da garotinha Mônica se tornasse a figura central de muitas de suas histórias. Diante do sucesso de seus quadrinhos publicados no jornal *Folha da Manhã*, o escritor não deu conta de tanto trabalho e necessitou montar uma equipe para auxiliá-lo na produção das histórias da Turma da Mônica. Dessa forma, em 1970, chegou às bancas a revista Número 1 da Mônica e aos poucos os vários personagens ganharam suas próprias revistas.

A aceitação por parte dos leitores brasileiros de várias idades foi tão grande que a turminha foi igualmente bem recebida em outros países. Como se não bastasse, dos quadrinhos os personagens seguiram para o cinema, o teatro e ganharam até um parque.

O Infantil 3, do Colégio São Luís, fez um trabalho sobre o Maurício de Sousa; fizemos algumas perguntas para uma professora e 4 alunos!!!

entrevista | professor

**Professora Eloísa Rodriguez Centeno Fontalva
(Infantil 3 - Turma 3)**

Como vocês tiveram essa iniciativa?

R: Pelo interesse das crianças, pois gostam de ler história em quadrinhos.

Quando começou o trabalho? Como?

R: No início do 3º bimestre (agosto). A partir da leitura e de vídeos da Turma da Mônica (Maurício de Sousa).



por dentro do nosso mundinho



entrevista | alunos

Você acha a Turma da Mônica legal? Por quê?

R: Sim, porque eles são amigos e a turma é grande.

R: Sim. É divertida, e acho as histórias legais.

R: Acho, porque tem personagens legais.

R: Acho, porque eles fazem brincadeiras divertidas.

Qual é o seu personagem favorito da Turma da Mônica? Por quê?

R: Cebolinha, porque eu o acho legal, porque ele fala errado.

R: Cascão, porque ele é sujo.

Quem você gostaria de ser da Turma da Mônica? Por quê?

R: O Sansão. Porque ele é o coelho da Mônica; porque ele é azul.

Como seria o seu personagem?

R: Ia ser legal, ia ser um herói que nem o Batmam, cabelos pretos.

R: Cabelo preto, usaria saia vermelha e se chamaria Sofia.

R: Teria vestido azul, cabelos cumpridos loiros, menina, e se chamaria Mariana.

R: Sapatos bege, mais ou menos igual ao Cascão.

deixe uma mensagem para o **POVO BRASILEIRO**

"Querido povo brasileiro: eu acabarei com a violência, seqüestros e assaltos, e construirei moradias para os pobres, doarei alimentos e diminuirei a poluição." - Débora

"Só quero agradecer a todos que me ajudaram e agradecer todo o carinho e amor que meu pai e minha mãe me deram. Amo vocês!" - Matheus

"Ser brasileiro é ter orgulho de sua cultura." - Flávia

"Brasil precisa de mais vida.
Brasil precisa de mais verde.
Brasil precisa de mais ar.
Brasil precisa de um lar." - Julia

"Eu não sou brasileiro, no começo, quando cheguei achei que seria ruim, mas não foi, me sinto orgulhoso deles." - Jaime Garcia

"Brasileiros são os melhores, os melhores no futebol, os que têm mais água e gostam de muito sol." - Paulo

"Higiene entrei, poluição tô fora." - Caio

"Querido brasileiro: Sempre acredite em si mesmo. Isso faz com que você, brasileiro de coração, sinta mais orgulho do seu, do nosso Brasil. O melhor do Brasil é o brasileiro." - Marina

"Olá povo brasileiro, estou feliz em falar com vocês, mas não estou feliz sobre o Espeto de Bambu, pois, às vezes, na frente da minha casa vocês tocam samba até de madrugada e aí eu não consigo dormir. Pensem bem nisso." - Suas amigas Isabel, Nicole e Amy

entrevistados:

Luis Felipe Rivitt de Paulo Machado (6 anos) 2ª Turma

Ana Luísa Eui Brasão Farinha (6 anos) 2ª turma

Julia Borges Camargo (6 anos) 3ª Turma

Lucas Midicier (6 anos) 3ª Turma

Estamos falando aqui da cola mesmo (você sabe qual). Aquele mecanismo usado pelos alunos para consultar os conhecimentos que ele não tem, naquele momento.



Laez Barbosa Fonseca

São variados e criativos (para além do nosso conhecimento): vão desde as anotações nas mãos, braços e pernas, até as engenhocas digitais, passando por códigos e sinais, previamente combinados, e só inteligíveis entre os envolvidos. Um aluno responderia: não é cola, mas uma consulta ao banco de dados. Será mesmo? Por que colar? Como entender e explicar o fenômeno da cola? Atrevemo-nos a pensar em alguns aspectos, dignos de reflexão, no nosso entender. Um primeiro diz respeito ao sistema de avaliação praticado nas escolas. A avaliação coloca o aluno em situação de pressão e cobrança ao querer que ele devolva, em uma prova, todo o conhecimento ensinado durante um determinado período. O aluno sabe que, naquele momento, se decide a sua aprovação, o sucesso ou o fracasso escolar. Diante da possibilidade do fracasso e com medo dele, busca-se a cola como garantia, aparente, de sucesso. Outro aspecto diz respeito à atitude diante do conhecimento. O trabalho principal do aluno é estudar e aprender. Para isso, ele tem uma boa escola, bons professores que educam nos valores e nos conteúdos; bons recursos didáticos ao alcance e um investimento total dos pais, inclusive financeiro, para que ele consiga dar conta da sua tarefa. Dessa forma, tudo está disposto para que aprenda e bem. Assim sendo, não há como explicar o não-aprendizado (salvo em situações de saúde ou ausência de pré-requisitos cognitivos) a não ser porque ele não assumiu o compromisso e a responsabilidade e não se dedicou aos estudos. Dito claramente: trata-se de uma irresponsabilidade diante do conhecimento. Tá na cara! Consideremos, ainda, um outro fator: insegurança. Talvez ele tenha estudado, se dedicado e cumprido os seus compromissos. É possível mesmo que esteja preparado para fazer a prova. Entretanto, a falta de confiança em si mesmo, uma baixa auto-estima e um certo nervosismo (provocado, às vezes, por um momento em que se está vivendo) po-

a Cola

dem levá-lo a querer garantir, em uma cola, aquilo que ele já sabia. Entretanto, sabemos que esse não é o melhor caminho, sem falar no risco que ele está correndo. A cola denota um certo descaso com o conhecimento. Sabemos que a cola é um conhecimento fugaz. Ele só existe no momento em que o usamos. Depois disso, evapora-se e cai no esquecimento. Não lembramos mais o que tínhamos aprendido. Dessa forma, o aluno perde a oportunidade de realmente adquirir o verdadeiro conhecimento, que é aquele que passa pela compreensão profunda do seu significado e o leva a relacioná-lo com a vida e a felicidade. O conhecimento verdadeiro nos faz pensar na nossa vida e na vida dos outros, e nos motiva a participar da construção de um mundo mais humano, fraterno e justo. O resto é pseudo-saber. Finalmente, podemos ver a cola como uma contravenção. Vejamos: se na avaliação, as regras são claras e o aluno sabe que, durante a sua realização, não pode usar nenhuma fonte de informação ou consulta (exceto provas com consulta), não pode olhar para o lado nem tampouco conversar com alguns, fazer qualquer um desses gestos é ir contra o que foi acordado e é sabido. O aluno está, nesse momento, indo contra as normas, as regras.

Puxa vida! Colar é tudo isso? Pode não ser, se você não quiser pensar seriamente em valores, opções e moral. Entretanto, se essas coisas lhe parecem fazer algum sentido, o melhor mesmo é dedicar-se àquilo que é sua tarefa principal: estudar, compreender e se preparar ética, intelectual e humanamente bem, pois, afinal, há um futuro a se cumprir e uma multidão de gente precisando de você.



revista pilotis

www.saoluis.org/revistapilotis

foto: Stefano Matteo

coordenação geral Prof. Paulo Vicente Moregola
DECOM - Departamento de Comunicação

diretor de redação Diogo Bardal
Consultor: Tuna Serzedello

projeto gráfico Fernanda Leite
Consultor: Bruno Tarmann Barretto

editores

editor chefe João Ortiz
Consultor: William Jacques Ribeiro

por aqui Alana Rany Vascelos
como é que é? Renata Preturlan

infantil Jussane Pavan
Consultora: Martha Pucci

paucicéia Thaianie Moregola

companheiros e companheiras Caio Ferraz
Renato Santos
Consultor: Rodrigo (Digão - Pastoral)

repórteres Alana Rany Vascelos, Daniel Frare,
José Francisco Cabral, Jussane Pavan, Manuela
Hisae, Renata Preturlan, Ricardo Mito,
Roberta Figueira e Rodrigo Dornelles

ilustração Bruno Tarmann Barretto
Laura Lotufo

diagramação Bruno Tarmann Barretto

fotografia Caio Ferraz, Daniel Frare, Flávia Ferlin Antunes,
Nathalia Rossi Migliano e Stefano Matteo

assessoria técnica Carolina Costa (Revista Educação)

revisão Vera Lúcia Quintanilha

colaboradores Gabriele Lender, Gabriela Safon e Helisa Ha



Uma publicação do Colégio São Luís
Produção interna dos alunos e educadores
do Colégio São Luís

Rua Haddock Lobo, 400 - Cerqueira César
CEP 01414-902 / São Paulo - SP
Tel: (11) 3138-9600
www.saoluis.org

QUER SABER
COMO A SARAH VIROU
UMA GRANDE PROFISSIONAL
DE COMUNICAÇÃO?

UMA SIMPLES
CONTINHA DE MAIS
FEZ TODA A DIFERENÇA.



Sarah Oliveira não cobrou cachê.

SARAH OLIVEIRA
comunicadora
e ex-aluna do Colégio São Luís

FORMAÇÃO HUMANA + ENSINO FORTE = CERTEZA DE FUTURO
MATERNAL INFANTIL FUNDAMENTAL MÉDIO INTEGRAL